1. Introdução

O ato da discordância na fala em interação espontânea tem sido tema de pesquisa nos últimos anos em diversas correntes dos estudos da linguagem. No âmbito da Análise da Conversa, o primeiro estudo a dar importância central à organização da discordância foi o de Pomerantz (1984) em seu trabalho sobre turnos de fala avaliativa, ampliando a noção de preferência (Sacks e Schegloff, 1979), que consiste num relacionamento estrutural das partes da seqüência (Schegloff, 1995). As ações preferidas são as tipicamente não marcadas discursivamente, enquanto as ações não-preferidas são marcadas por vários tipos de complexidades estruturais como atrasos, prefácios, hesitações, pausas, etc. (Levinson, 1983; Pomerantz, 1984). O trabalho de Pomerantz (1984) desde então vem sendo considerado a principal referência na conceituação tanto da noção de preferência quanto da noção de discordância.

Enquanto Pomerantz (1984) aborda a noção de preferência vinculada à presença ou ausência de marcação discursiva na seqüência das ações em pares, outras perspectivas, como a dos estudos pragmáticos, aqui representados por Brown e Levinson (1987) e Leech (1983), têm procurado explicar essas ações a partir da natureza de seu conteúdo proposicional. Em Leech (1983), tais ações são observadas pela relação da força ilocucionária e pela meta social no estabelecimento das boas relações, enquanto Brown e Levinson (1987) se baseiam no princípio da preservação de face (Goffman, 1967) e na necessidade que possui cada indivíduo de ser polido.

Brown e Levinson (1987) incluem a discordância como um ato que causa a desarmonia da interação, sendo considerado um ato ameaçador à face positiva do ouvinte, e, portanto, evitável ou reparável. Em Leech (1983), a discordância também deve ser *minimizada entre o eu e o outro*, reforçando o acordo para que o desacordo seja evitado. Apesar de ambas as propostas não abordarem o termo preferência, sua noção pode ser inferida na discussão sobre a discordância como um ato não-preferido, na medida em que o falante evita realizá-lo na busca por preservar a harmonia da interação (Brown e Levinson, 1987) e a manutenção das boas relações (Leech, 1983), evitando o conflito.

Por outro lado, outros estudos têm discutido que o aspecto não-preferido da discordância é dependente do contexto em que ela ocorre. Ao fazer um estudo situado com participantes de origem judaica, Schiffrin (1984) observa que a não-preferência pode ser um ato que não teria impacto sobre a qualidade das relações (Leech, 1983) ou sobre a preservação das faces (Brown e Levinson, 1987), já que determinados grupos podem ver na discordância uma forma de mostrar interesse pelo outro, ou seja, uma forma de sociabilidade. Em Blum-Kulka et al. (2002) a preferência por discordância também se justifica pela situação cultural, no entanto não se apresenta como uma discordância sociável e sim vinculada ao conflito.

O contexto situacional, portanto tem sido palco de discussões sobre a preferência por discordância, em destaque, o contexto argumentativo onde a “ausência da discordância é percebida como uma falha para defender uma posição” (Hayashi, 1996: 230). Georgakopoulou e Patrona (2000) observam que a produção da discordância como uma atividade organizada seqüencialmente deve ser vista em função do contexto da interação em que ela ocorre. Segundo os autores, o contexto institucional da televisão e as identidades dos participantes, seus papéis e as relações que eles prescrevem são fundamentais no status de preferência pela discordância.

Observamos então, que na literatura apresentada, a discordância volta-se para duas perspectivas. A primeira baseada na Análise da Conversa, a vê como um status marcado discursivamente na seqüência da interação. Na segunda perspectiva, a discordância é dependente do contexto que define o status das ações na interação, podendo ser uma ação preferida ou não-preferida, ou seja, desejada ou evitada. Nesta perspectiva, a discordância tende a ter um status preferido quando inserida num contexto argumentativo de debate, visto que ela se instaura numa situação de disputa em que os participantes defendem suas posições, através de uma estrutura argumentativa (Schiffrin, 1987) sobre um tema em discussão.

A exposição pública dos participantes da fala institucional veiculada no debate televisivo aumenta as oportunidades de construir a imagem pública favorável que o falante clama para si – face – (Goffman, 1967), uma vez que nessa exposição, o público observa os participantes como se estes atuassem num jogo em que para que haja um vencedor, é preciso que alguém seja derrotado. O debate televisivo, então, como uma atividade de fala (Sarangi, 2000) requer um trabalho de face com alto grau de cooperação (Georgakopoulou e Patrona, 2000)

dos participantes envolvidos, já que o risco de perder a face em uma interação de elevada exposição pública – como o debate via televisão – tende a ser muito maior que em uma situação não-pública.

Neste sentido, como forma de contribuir para o estudo situado da discordância, observada em uma interação institucional argumentativa, este trabalho busca responder as seguintes perguntas de pesquisa:

(i) Como a estrutura argumentativa é construída pelos participantes em interação na seqüência de dois turnos, considerando que o segundo seja discordante do primeiro?

(ii) Até que ponto a discordância se apresenta como um ato não-preferido, isto é, marcado estruturalmente na atividade de fala do debate televisivo?

(iii) Considerando a atividade de fala em questão, quais as estratégias de modificação de força utilizadas pelo falante em interação?

São essas as questões que procuramos responder, partindo do objetivo principal de investigar, através de um estudo de caso, como a discordância se realiza num contexto argumentativo de debate televisivo numa interação em língua espanhola, com a intenção de contribuir para uma melhor compreensão sobre o modo como a realização da discordância é sensível ao tipo de atividade e às normas culturais de um grupo.

Para alcançar esse objetivo maior, estabelecemos os seguintes objetivos intermediários:

(i) Estabelecer a estrutura argumentativa do ato da discordância numa situação de debate televisivo.

(ii) Identificar a estrutura marcada da discordância em posição seqüencial no contexto argumentativo.

(iii) Identificar as estratégias de modificação de força utilizadas pelo falante em interação.

A escolha de um debate televisivo como uma atividade de fala a ser investigada deve-se, além da facilidade de acesso a dados reais, ao nosso interesse em analisar o ato da discordância como um evento situado no contexto da argumentação em que envolve os participantes numa relação de disputa. O foco pela língua espanhola centra-se no conhecimento da pesquisadora sobre o idioma e cultura desta língua, e também por pretender contribuir para a pesquisa da língua em questão no âmbito dos estudos da Linguagem.

A fundamentação teórica deste estudo baseia-se nos pressupostos teóricos da Sociolinguística Interacional, a partir dos estudos de Goffman (1967, 1974, 1981) e dos conceitos de Gumperz (1982a, 1982b, 1999b), e também nas contribuições da Análise da Conversa. Nos estudos sobre a discordância destaca-se Pomerantz (1984), Schiffrin (1984), Hayashi (1996), Georgakopoulou e Patrona (2000) e Blum-Kulka et al. (2002)¹. Para os estudos da Argumentação nos dão suporte Schiffrin (1987) e Gryner (2000).

Nossa proposta de investigação está centrada em um corpus de análise composto por gravações de um programa televisivo de debate na língua espanhola, gravado em Madri - Espanha – e transmitido no Brasil pelo canal de televisão paga TVE (Televisão Espanhola). A pesquisa é de base qualitativa e interpretativa, e, em termos de amostragem, constitui um estudo de caso.

¹Cabe dizer que o critério para a apresentação desses autores nesta introdução não segue uma ordem de preferência ou relevância a este estudo. Eles são citados aqui simplesmente pela ordem do ano de publicação de seus trabalhos relevantes a essa pesquisa e, havendo igualdade nos anos, opta-se pela ordem alfabética.

O trabalho está organizado da seguinte forma: no capítulo 2, é apresentada a fundamentação teórica que norteia este trabalho, baseando-nos em um modelo interacional da comunicação. Num segundo momento, revisamos a literatura prévia sobre a discordância e por último, apresentamos os estudos sobre a Argumentação de relevância a esta pesquisa.

No capítulo 3, destinado às questões de natureza metodológica, são fornecidas informações contextuais sobre a atividade de fala em estudo. Apresentamos inicialmente o tipo de programa em análise, seus participantes e os temas debatidos, para em seguida retratar os procedimentos de coleta e de análise de dados.

No capítulo de análise desenvolvemos os objetivos estabelecidos nesta introdução, dedicando-nos no primeiro item à estrutura argumentativa dos turnos discordantes. Nos itens finais analisamos a estrutura marcada da discordância e sua realização.

Nas considerações finais de nosso estudo, buscamos responder às questões levantadas e sugerir pistas para novas pesquisas.

A seguir, apresentam-se as considerações teóricas que embasam este estudo.